

# Diversão & Arte

CONTRADITÓRIO,  
COLORIDO, AGITADO E  
CHEIO DE SENSÇÃO:  
**EMILIA PÉREZ**, FILME MAIS  
DO QUE ESTRANGEIRO PARA O  
OSCAR, ENTRA (E SAI) DA  
CORRIDA PELA ESTATUETA,  
NUM EMBATE COM O  
BRASILEIRO **AINDA  
ESTOU AQUI**

# Verdadeiral DE EMOÇÕES

» RICARDO DAEHN

Na falta do dinamarquês Lars von Trier, inativo nas telas desde 2018, surgiu a brecha de um cinema polêmico e provocativo, represado durante algum tempo, até ser escalado para a maior vitrine de cinema: o Oscar. O longa *Emilia Pérez* chegou, chegando: nada menos do que 13 indicações, abaixo apenas das 14 para o musical *La la land* — *Cantando estações*, *Titanic* e *A malvada*. Empatado com um outra dúzia de sucessos, como o recente *Oppenheimer*, os musicais *Mary Poppins* e *Chicago*, além de, sim, *E o vento levou...* Uma enervante trama sobre uma personagem trans fazendo história. Na escalada para o sucesso, o filme tem as credenciais como melhor filme do ano e melhor filme

internacional, a mesma situação de *Ainda estou aqui*.

Como num mea-culpa antecipado, a atriz central de Emilia Pérez, Karla Sofía Gascón (estopim para a convulsiva panela de pressão em torno do filme), ainda no palco do Festival de Cannes, afirmou, ao receber prêmio conjunto de interpretação: “Só quero enviar uma mensagem de esperança a todas: como ocorre com *Emilia Pérez*, todos temos a oportunidade de mudar para melhor, de sermos melhores pessoas”.

Revirado o baú virtual opinativo de Karla, em postagens das redes sociais, as mensagens provocaram críticas e repulsa: conteúdo racista, ataques ao crescente ao número de estrangeiros muçulmanos (no cotidiano da Espanha), visões questionáveis quanto a lésbicas, e até declarações jocosas em torno do Oscar (ao qual

viria a ser indicada) despontam. Nem a equipe que cerca Fernanda Torres foi poupada do veneno. Com o avantajado histórico, Gascón caiu na vala comum dos julgamentos da internet. Descredenciada para a promoção do longa, ela bem que se desculpou, mas a retaliação teve maior eco.

Posta no quarto do castigo, Karla Sofía Gascón com antigas postagens apagadas, por mais que doa o uso chavão ordinário, terá que “resignificar a jornada”. Quem deve estar em condição similar é o diretor do filme, Jacques Audiard, o sétimo cineasta de produção francesa, indicado ao Oscar, antecedido por gênios, como François Truffaut, Claude Lelouch, Costa-Gavras, Edouard Molinaro, Justine Triet e Julian Schnabel. Com o trato de cinema, Audiard transformou a região parisiense do

Les Olympiades numa cenográfica capital mexicana. Nessa plataforma crítica (para muitos), o recordista do Oscar surfa, tranquilo, para o posto de hours concurs em polêmicas. Aos olhos de alguns, entraram em campo “a gente terrível” (como descreveu Gascón num post) com implacáveis julgamentos.

Com background ferrenhamente libertário (vide *O profeta*; *De tanto bater, meu coração parou* e *Dheepan*, filmes que assinou), Audiard promoveu, sem premeditação, o caos. Curiosamente, foi ao adaptar trecho da narrativa de *Écoute*, livro de Boris Razon (que, ironicamente, conclama ao “Escutar” no título). Com louvável trabalho de atriz, Karla Sofía Gascón dá vida a Manitas (Faz-Tudo, em espanhol), irascível chefe do tráfico de drogas no México, que, por

escolha, e num caminho árduo, chega à identidade com a qual se identifica, a de Emilia Pérez, uma trans. Acusado de compôr estereótipos, Audiard, que mirou numa realização aos tons de ópera, ouviu muito sobre a pontuada responsabilidade em retratar, sem muita profundidade, a realidade dos chamados desaparecidos (que ultrapassam 116 mil), pela ação criminosa de carteis do narcotráfico mexicano. A escalção dos latinos Edgar Ramírez e de Adriana Paz não parece ter atenuado a opção de colocar uma espanhola e duas coadjuvantes de peso, Zoe Saldana e Selena Gomez (ambas norte-americanas) em papéis-chave. Zoe dá vida a uma amargurada, mas batalhadora advogada, que alça maiores voos profissionais; e Selena interpreta a vovó nível esposa de Manitas.

## PRESENÇA LATINA

Violência, opressão e desejos de transformação completa de vida estão entre enredos de filmes latino-americanos cogitados, ao longo do tempo, para o Oscar de melhor produção internacional, a exemplo de *Emilia Pérez*. Politizados, o mexicano Roberto Gavaldón, que conduziu *Macario* (1960), sobre a obsessão de um leñador miserável por carne de ave assada, e o chileno Miguel Littín que, no México, rodou *Acontecimientos de Marusia* (1975) — sobre mineradores oprimidos que, em 1925, enfrentam patrões, o governo e o Exército. São exemplos do comprometimento da Academia com temas fortes. Ao lidar com títulos internacionais, o Oscar flertou com polêmica, como foi o caso de *Ánimas Trujano* (1962), de Ismael Rodríguez, que trouxe o chinês Toshirô Mifune na pele de um indígena que busca por respeito no vilarejo mexicano em que vive. Espanhol, atuante no México, o diretor Luis Alcoriza emplacou, na candidatura à estatueta, *Tlayucan* (1963), comédia sobre camponês envolvido num caso de quase linchamento, depois que uma pérola some, engolida por um porco de estimação.

Até a vitória do thriller chileno *Una mujer fantástica* (de Sebastián Lelio) colocar nos trilhos avanços na efetiva premiação de melhor filme internacional, tratando do drama de uma personagem trans (a princípio, desrespeitada), o Oscar bateu, com filmes estrangeiros, longas com questões sexuais. Há 52 anos, o espanhol Jaime de Armiñan (indicado em 1981, pelo pueril *El nido*), trouxe para a festa *Mi querida señorita*, que trata da mudança de sexo para uma

Altavista Films/ Divulgação



Amores brutos (2000)

prime video/ divulgação



Mi querida señorita (1972)

conservadora, pela vida criada, como se fosse uma mulher. Também moderna, a narrativa do uruguaio Mario Benedetti, na adaptação de A tréguia, levou o argentino Sergio Renán a ser indicado, por um filme que mostra dramas pessoais de um viúvo envolvido em questões de etarismo e homossexualidade. Situada em meados do século 19, a trama de amor, sexo, religião, castidade, numa rede de posicionamentos de direita, vista em *Camilla*, levou a diretora María Luisa Bernberg à esfera do Oscar, em 1984.

## ESCALADA HISPÂNICA



### OUTROS EXPOENTES

- » A história oficial (1985), de Luis Puenzo (venceu, pela Argentina)
- » Amores brutos (2000), de Alejandro G. Iñárritu (México)
- » O filho da noiva (2001), de Juan José Campanella (Argentina)
- » O crime do padre Amaro (2002), de Carlos Carrera (México)
- » O labirinto do fauno (2006), de Guillermo del Toro (Espanha)
- » O segredo dos seus olhos (2009), de Juan José Campanella (venceu, pela Argentina)
- » Biutiful (2010), de Alejandro G. Iñárritu (México)
- » No (2012), de Pablo Larraín (Chile)
- » Relatos selvagens (2014), de Damián Szifron (Argentina)
- » Roma (2018), de Alfonso Cuarón (venceu, pelo México)
- » Argentina, 1985 (2022), de Santiago Mitre (Argentina)

Começar de novo (1983), sobre o retorno de um escritor à cidade natal, passados 40 anos, foi um dos mais valorizados pela Academia. Com Sesi3n continua, em 1984, competiu, mostrando esforços (nos bastidores) de roteirista e de um cineasta dispostos a se conectarem com gerações diferentes. Garc3i ainda concorreu, pelo filme *Asignatura aprobada* (1987), revelador das peripécias setentistas de um homem, na retomada de um amor inesperado e, *O avô* (1971), no qual um ancião busca, na Europa, por uma neta legítima.

Há 25 anos, Pedro Almod3var venceu o Oscar por *Tudo sobre minha mãe*, uma década depois da indicaç3o por

*Mulheres à beira de um ataque de nervos*. Ele ainda obteve nova indicaç3o, há cinco anos, pelo biográfico *Dore e gl3ria*. Morto há dois anos, o espanhol Carlos Saura teve cinema tão dançante a ponto de competir, pela Argentina, com *Tango* (1998), isso 15 anos depois de colocar a Espanha na cara do Oscar, com *Carmen* (1983), título que trazia o lendário Antonio Gades junto à apaixonada trupe de flamenco. Numa corrente simb3lica, com retrato dos desajustes franquistas, Saura competiu ao Oscar ainda por *Mamãe faz 100 anos* (1979).

À frente da imóvel jornada de Ramón Sampedro, que, por décadas, lutou pelo direito à eutanásia, Alejandro Amenábar venceu o Oscar, há 20

anos, por *Mar aberto*, estrelado por Javier Bardem. Tio do Javier, Juan Antonio Bardem, na 31ª edição do Oscar, compareceu com *A vingança*, que reuniu um delator, um ex-prisionário e a irmã deste num filme sobre paixão.

Sentimental e agitado, o cinema espanhol ainda esteve representado na jornada rumo à pretendida estatueta, há 27 anos, com *Segredos do coração* (de Montxo Armendáriz), no qual pessoas mortas mobilizam a mente de um menino criativo. *Plácido* (1961) foi outro emotivo, no qual Luis García Berlanga mostrava, às vésperas do Natal, uma campanha de caridade desandando. Já o cinema de flamenco e de amores, colocou Francisco Rovira Beleta no mapa, com os filmes *O amor bujo* (1967), com Antonio Gades, e *Paixão proibida* (1963), que mobilizou a dançarina Carmen Amaya. Até o reconhecimento do representante pela Espanha (numa obra de J.A. Bayona), *A sociedade da neve* (2023), um produto da Netflix que associou tragédias chilenas e uruguaias, a partir da adaptação de um romance escrito por Pablo Vierci, o também multicultural Luis Buñuel cravou indicações espanholas com dois clássicos supremos: *Esse obscuro objeto do desejo* (1977) e *Tristana* (1970). (RD)